

BOLETIM DE MONTANHISMO DO

C.E. Rio de Janeiro

nº 517

maio de 1992

CURSO BÁSICO DE MONTANHISMO



VENNA DE SCORRIR O
PRAZER DE SUBIR
MONTANHAS

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

BOLETIM NUMERO 517

Fundado em 20 de Janeiro de 1932
Reconhecido de Utilidade Pública por
Decreto-Lei da Assembléia Legislativa

DIRETORIA DO CERJ

PRESIDENTE: Paulo Mauricio
VICE-PRESIDENTE: Salomyth Fernandes
SECRETÁRIO: Antonio Carlos
1º TESOUREIRO: Jorge Tardan
2º TESOUREIRO: Marcelo Sereno
DIRETOR TÉCNICO: Valdinar Nenezes (Vava)
Secretários: José Carlos Muniz e
Carlos Eduardo Taylor
DIRETORA SOCIAL: Maria Aparecida S. Gama (Cida)
DIRETOR DE ECOLOGIA: Manoel Rothier
DIRETOR DE DIVULGAÇÃO: Everaldo Matos

GRUPO DE APOIO

BIBLIOTECA: Aida Santarosa
ALMOXARIFADO: Carlos Eduardo Taylor

MENSAGEM DO PRESIDENTE

Acervo do CERJ

Como tivesse alguns dias de folga, pensei em ir a algum lugar tranquilo e que ainda não conhecesse. Falaram-me sobre uma cidadezinha aqui perto, a cerca de 2 horas do Rio, chamada "Conservatória". Cidade das serenatas, conhecida como "Pedacinho do Céu" e com montanhas e rios por toda a parte. Realmente observei que, se existe um Céu, provavelmente éle é como Conservatória, bonita, limpa, arrumada. E pretendo brevemente abrir uma excursão para lá.

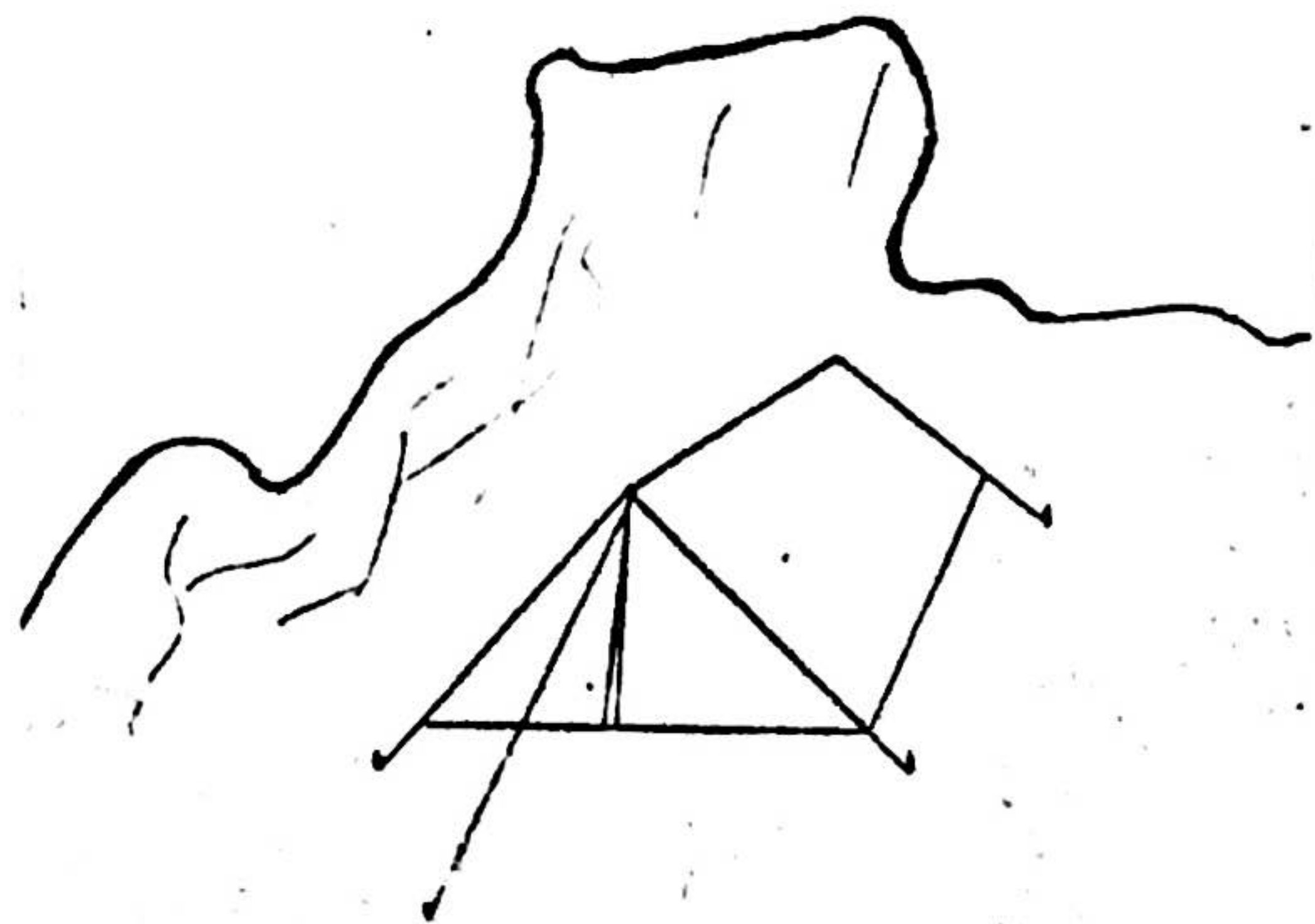
Neste período em que lá passei, fiquei pensando em como devem haver locais bonitos por perto e como, infelizmente, estamos limitados a tão poucos lugares para realizarmos nossas excursões.

Por favor, se você conhece algum lugar interessante, bonito, aconchegante, nos informe, para que possamos conhecê-lo e divulgá-lo, pois, afinal, o maior acervo de um Centro Excursionista é a diversidade de passeios e escaladas que éle pode proporcionar.

Paulo Maurício

NOTÍCIAS DO CERJ

CURSO BÁSICO DE MONTANHISMO



Encontram-se abertas as inscrições para o Curso Básico de Montanhismo. O curso terá duração de 2 meses com início marcado para 19 de maio de 1992. Os únicos requisitos são: ser associado do CERJ e ter boa disposição.

Aquí estão alguns dos assuntos que serão abordados no curso.

Cordas e Nós

Ética e Ecologia

Conhecimentos de acampamento e bivaque

Nutrição

Geografia das montanhas do Estado do Rio de Janeiro

Animais peçonhentos

Primeiros socorros

Além das aulas teóricas, serão realizadas excursões e aulas práticas em campo escola.

Para maiores informações entre em contato com o Taylor.

REUNIÃO DO CONSELHO DELIBERATIVO

Será realizada em 8 de julho de 1992 a próxima reunião do Conselho Deliberativo. Estão convocados todos os sócios proprietários e os contribuintes eleitos Conselheiros na última reunião ordinária da Assembléia Geral, e cujos nomes foram relacionados no boletim de nº 516.

ABERTURA DE TEMPORADA

O CERJ parabeniza o Centro Excursionista Guanabara pela iniciativa de organizar a Abertura de Temporada de Montanhismo do Ano de 1992, e pelo sucesso alcançado. E agradece a oportunidade dada pelo CEG de participar de grandioso evento para o Montanhismo do Rio de Janeiro.

REPAROS NA SEDE

Continuam os trabalhos de reparo da Sede. Foi consertado um vazamento na pia da cantina, e colados alguns tacos que estavam soltos.


O CERJ agradece a colaboração dos sócios que têm auxiliado neste trabalho.

DEBITOS	(CR\$)	RECEITAS	(CR\$)
cantina.....	162.453,00	cantina.....	262.300,00
condomínio....	362.145,00	mensalidade....	319.900,00
luz.....	26.066,64	jóia+carteira..	32.400,00
telefone.....	19.229,00	telefone.....	830,00
IPTU.....	176.571,17	excursões.....	55.925,00
m. escritório..	5.250,00	boutique.....	31.800,00
m. sede.....	14.616,00	doações.....	73.210,00
boletim.....	18.000,00	boletim.....	7.000,00
xerox.....	4.800,00
taxa incêndio..	3.403,20
reg. estatuto..	60.000,00
empréstimo....	79.095,00	empréstimo....	129.095,00
saldo jan/92... 89.842,09		saldo jun./91..	109.011,10
TOTAL.....	1.021.471,10	TOTAL.....	1.021.471,10

RESUMO:

saldo de junho de 1991.....	Cr\$	109.011,10
saldo p/ janeiro de 1992.....	Cr\$	89.842,09
saldo na carteira de poupança em 31/12/91	Cr\$	3.613.019,95
empréstimo a ser pago.....	Cr\$	50.000,00

MONTANHISMO



EQUIPAMENTOS PARA CAMPING MONTANHISMO E ALPINISMO

PRONTO!
 venha destrutar de um agradável clima de montanha! No centro do Rio de Janeiro, próximo ao metrô, Uruguaiana. Aproveite o seu horário das 10:00 hs das 19:00 hs

3x5/JUROS P/OS AIUNOS do CURSO BÁSICO de MONTANHISMO

AGASALHOS
BROCAS DE DORMIR
MOCHILAS
MATELAS
JAPONAS
ANOREIK'S
BALDRIER
MOLETON
GORROS
FITAS
MEIAS
AGARRAS
ARTIFICIAIS
POCHETES
PUNHOS

Sherpa
Ltdo

Leão de São Francisco nº 26/1419

ESCOLHENDO UMA CORDA DE ESCALADA:

...alguns pontos a considerar...

por kelvin O'Connell

O seguinte artigo tem a intenção de ser um guia sobre alguns dos mais importantes fatores a considerar na seleção de uma corda de escalada.

1- Todas as cordas devem ter o selo UIAA.

O selo UIAA garante que a corda que você obteve atende a um padrão de qualidade mínimo aceitável. Esse padrão foi desenvolvido por, e para os escaladores, em colaboração com os fabricantes e técnicos experientes no campo dos têxteis. A corda que tem esse selo deve, na verdade, ser melhor que o estabelecido pela norma que tem sido adotada pela Comissão de Segurança da UIAA. Nessa norma, a corda deve correntemente sobreviver a um mínimo de 5 severas quedas onde a força máxima de impacto numa corda "a simples" não deve exceder 1200kgf quando uma massa de 80kg cai 5.0m em 2.8m de corda. A força máxima em uma "meia" corda não deve exceder 800kgf usando uma massa de 55kg.

O teste descrito acima reproduz a condição na qual uma corda deve resistir a queda de um guia sendo este segurado por uma corda passando por um mosquetão localizado abaixo do guia. Isto representa um fator de queda de 1,78 ; sendo 2 o máximo teórico. Frequentemente passa-nos despercebido que a força máxima de impacto é independente da altura absoluta de uma queda e é altamente dependente do fator de queda.

O alongamento de uma corda "simples" deve ser menos ou igual a 8% sob uma carga estática provida por uma massa de 80kg. Similarmente, o alongamento em uma "meia" corda está limitado ao máximo de 10%, usando um peso de 55kg para teste. Cada corda deve também ser aprovada em testes de facilidade para fazer nós e em testes de deslizamento da luva antes que possa ter o selo UIAA. Em vista a manter as características da corda de acordo com a norma UIAA, ela deve ser substituída pelo menos a cada 2 anos.

É importante notar que as recentes mudanças nas normas tem feito que os testes de queda sejam mais severos. Uma moderna corda de 6 quedas, testada sob os velhos padrões, deveria tranquilamente suportar 8 quedas. Um outro recente desenvolvimento é que a maioria das cordas está agora muito perto do limite permissível da força de impacto. A razão disso é a suposição de que os escaladores atuais somente utilizam os métodos de segurança dinâmicos. O valor limite da força resultante é função do método de segurança utilizado. Para uma segurança por fricção, este valor é ao redor de 400kgf. Repare que este valor é cerca de 3 vezes menor que o máximo valor da força de impacto requerida em teste.

2. Decidir entre uma corda "a simples" ou uma "meia" corda.

Todas as cordas vendidas com o selo UIAA devem ter uma banda em cada extremidade designando se é uma corda "a simples" ou uma "meia" corda pelos símbolos "1" ou "1/2", respectivamente. Uma corda "a simples" tem sido projetada para ser adequada por si mesma para suportar com segurança uma grande queda. Uma "meia" corda, por outro lado, tem sido projetada para ser adequada somente se, duas cordas são usadas e costuradas nos mosquetões.

tes juntas ($1/2+1/2=1$). Isto é chamado de técnica "Zwillings". Somente depois de muita corda subida e algumas costuras postas em pontos fixos (equivalente a uma situação de baixo fator de queda produzindo forças menores), pode ser seguro fazer a costura em "meia" corda alternadamente. Para usar "meia" corda dessa maneira é preciso muita experiência. Isto é freqüentemente referido como técnica de "corda dupla".

Uma recomendação geral é de usar uma corda "simples" em pequenas rochas e vias em gelo, para travessia em glaciares e em montanhas onde uma ocasional segurança é requerida; duas "meias" corda em longas vias em montanha. As razões para isso são as seguintes:

a) Duas "meias" cordas têm muito melhor "força de aresta" que uma "simples". A vantagem no entanto, é que haverá menos chance de que a corda se corte sobre uma aresta afilada. (W.C.D.E. - Capacidade de trabalho Sobre uma Aresta - representa um esforço para tratar esse problema, mas não é uma norma correntemente aceita)². Tem sido demonstrado que quando duas "meias" cordas são testadas como uma "simples", ela suporta muito mais quedas. Isto, é claro, é uma medida da "força de aresta" da corda; a "aresta" tem sido padronizada como tendo um raio de 5mm. Isto deve ser entendido considerando que as cordas são costuradas juntas em cada ponto fixo. A UIAA não desenvolveu nenhuma norma para esse problema até agora.

b) Se uma corda fica danificada por esmagamento por pedra ou por crampon, ainda temos uma boa.

c) Podemos rapelar todo o comprimento da corda.

d) A opção da técnica de "corda dupla" (escalando com as cordas alternadamente) é possível.

e) Podemos dar segurança para uma pessoa numa corda enquanto ela está rapelando na outra.

As desvantagens são que as duas "meias" cordas são ligeiramente mais pesadas que uma "simples", o manuseio é um pouco mais difícil e, na segurança puramente estática, a força de impacto é maior. O último ponto, no entanto, é trivial se o método de segurança dinâmica for usado, como a segurança por fricção.

3. Peso da corda.

A massa por unidade de comprimento de uma corda é agora dada em kiltex (g/m). Entre as cordas dos melhores fabricantes tem-se verificado que quanto mais pesada a corda for, melhor ela sobreviverá aos testes da UIAA. No entanto, existem várias relações entre pesos e força que o escalador gostaria de considerar.

4. Tratamento a prova d'água.

Embora os mecanismos ainda não sejam completamente entendidos, a evidência sugere que uma corda molhada é mais fraca que uma corda seca (tanto como 30%) e que uma corda congelada é mais fraca que uma molhada. Portanto, parece razoável que um tratamento a prova d'água numa corda ajudará a assegurar que as características para a qual ela foi concebida possa ser realizada sob condições adversas. As cordas tratadas também tendem a permanecer mais limpas que as cordas não tratadas. Como absorvem menos água, as cordas tratadas pesarão menos em meios úmidos. Em condições de congelamento, a corda tratada é muito mais fácil de manejar que a corda não tratada.

Ainda que as cordas tratadas são geralmente mais caras que as não tratadas, as van-

tagens mencionadas acima podem compensar o custo adicional. Deve-se ter em conta que o tratamento a prova d'água tende a diminuir com o tempo e uso. No momento, não existe uma padronização da UIAA para tais tratamentos.*2

5. Manuseio.

Não existem padrões nessa categoria, mas os escaladores são bem advertidos para manusear totalmente uma corda antes de comprá-la, e checar a facilidade para fazer nós e a flexibilidade para uso com os aparelhos de escalada como aparelhos de descida e mosquetões. Devemos também considerar que as cordas tendem a ficar mais rígidas com o uso. Existe correntemente uma norma estabelecida pela UIAA para a facilidade para fazer nós.

6. Duração da corda. (Vida útil)

Esta é uma área de certa controvérsia e, novamente, existem só algumas regras gerais. A duração de vida de uma corda depende principalmente do uso e abuso, tanto como de certos fatores ambientais tal como chuva ácida, radiação UV, e outras influências climáticas e mecânicas. Estes últimos são, no entanto, insignificantes. Uma relação entre o número estimado de quedas UIAA para uma corda e sua expectativa de vida tem sido relatada. Em geral, se poderia dizer que quanto maior o número de quedas estimado, mais longa seria a expectativa de vida de uma corda, sem alteração dos outros fatores. Tem sido sugerido que o valor de 10.000 a 15.000m de escalada é um número razoável para a duração de vida de uma corda de 6 quedas "a simples" de 11mm. Considerando que em média uma pessoa escalaria 5.000m de muro e paredes por ano, isso daria 2 anos de vida.

Essa cifra poderia ser dobrada para duas "meias" cordas de 9mm, isto é, aproximadamente 4 anos de vida útil sob condições normais. As cordas que suportam 10 ou mais quedas podem, é claro, ser usadas por mais tempo, mas não há informações para fazer uma recomendação definitiva.

Conclusão.

Enquanto alguns escaladores escolhem uma corda baseando-se no custo e na aparência, existem muitos fatores que deveriam ser tomados em consideração baseados na experiência, uso antecipado e o resultado de testes baseados nos padrões estabelecidos pela UIAA. Isto sugere que os escaladores deveriam considerar melhor esses fatores na compra de uma corda de escalada.

Notas:

*1 - W.C.O.E - Working Capacity Over Edge - é a força de tensão de uma corda quando se dobra ao passar sobre um mosquetão (uma "aresta"). Esta força de tensão diminui com o uso da corda. Se supõe que quando o W.C.O.E. diminui a certo valor a corda se romperá numa queda severa.

*2 - É importante ter em conta que o tratamento a prova d'água é recomendado principalmente para a utilização em escaladas em gelo, onde ela facilmente se molharia com o risco adicional de congelamento.

Artigo publicado na revista Summit (Set-Out.1984, Vol.30, No.5).

(Colaboração de Carlos Eduardo Taylor)

ALGUMAS CANÇÕES DE MONTANHA

UMAR DO SERTÃO EXCURSIONISTA

Oh quem me dera que eu não visse mais a serra
Poris a coisa que me altera
É ver a chuva me molhar
Toda vez que ando pelo mato encharcado
Prometo apavorado nunca mais excursionar

Não há, ó gente, ó não, lugar
Melhor que a habitação

A turma sabe amarrada numa corda
Plata parece uma borda a despenhar do paredão
Enquanto o guia de chapéu de tanacoeiro
Fica em pé no aqueiro
Inquanto o cerca a escuridão

Não há, ó gente, ó não, lugar
Pra gente ver o chão...

De tanta bronca vou ficando sem vergonha
Sou chamado de pamonha
Ouase sempre com razão
'Pega essa corda, seu calhorda'
'Fuze a corda', 'Colhe a corda',
'Passa a corda por dentro do mosquetão'

Não há, seu guia, ó não, lugar
Pra por o mosquetão'

Sou brechinhoso, gosto de cama macia
E de todo santo dia
Tomar no leito o café
Pra no domingo, pego o meu equipamento
E meto a cara mato a dentro
Escalando e andando a pé

Não há, seu guia, ó não, lugar
Melhor que uma excursão

(Publicada no boletim n.483)

Hino dos Montanhistas

SALOMYTH

Caminhando pelas matas
Entre rios e cascatas
Mil belezas avistamos
Mil venturas encontramos
E nos picos bem distantes
Ao chegarmos triunfantes
Nossas montanhas nós saudamos
E alegres entoamos

Montanhistas do Brasil
A montanha da vida e união
Estando mais perto do céu azul
Louvamos o nosso torrão

AMIGO SALÔ!

Estamos aguardando sua recuperação e esperamos em
breve seu retorno ao CERJ.

Dos amigos Cerjences.

UM PARQUE PEDE SOCORRO (*)

Quem quiser percorrer hoje as trilhas do Parque Nacional da Serra dos Órgãos não vai apreciar somente uma paisagem deslumbrante. Ao lado da natureza, garrafas, restos de comida, latas e muito lixo são encontrados espalhados pelo caminho. Diante desse quadro preocupante, o chefe do parque, Curt Trennepohl, resolveu pedir ajuda de quem mais utiliza e conhece a região: os montanhistas, biólogos, orquidófilos e outros estudiosos. Assim foi fundado o Movimento Pró-Parque (PROPAR), formado por voluntários, na maior parte montanhistas, com o objetivo de conscientizar os visitantes no sentido de preservar essa reserva florestal.

"Quem suja o parque são os farofeiros, que não se preocupam com o mal que estão causando. Além do lixo, que por preguiça é deixado pelo caminho, fazer atalhos, mudando a direção das trilhas", afirma Curt, um gaúcho que há dois meses está tentando transformar a imagem de abandono do parque. Ele cita o lixo como o maior problema que ameaça a reserva florestal. E explica que cacos de vidro e garrafas jogados no chão não representam apenas sujeira, mas uma seria ameaça de provocar incêndios quando em contato com os raios solares.

Já as trilhas - Pedra do Sino, travessia Petrópolis/Teresópolis e outras secundárias - devem ser conservadas em seu traçado original a fim de evitar a erosão. Para chegar mais rápido, alguns visitantes fazem atalhos que desvirtuam totalmente o caminho.

O Parque Nacional da Serra dos Órgãos tem 11.460 hectares e abrange os municípios de

Teresópolis, Petrópolis e Magé. Desde 1939 é considerado reserva florestal, sob jurisdição do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Para cuidar da preservação desta enorme área, a administração conta apenas com nove agentes de defesa florestal e mais 15 vigilantes contratados de empresa particular.

"Mas a questão não é de policiamento. O parque não precisa de mais guardas e sim de educadores. E ninguém melhor do que os montanhistas e estudiosos para fazer este papel. São eles os maiores defensores da reserva e os que mais se indignam com a falta de consciência dos farofeiros", diz o chefe do parque. Entre os pontos críticos, Curt cita a possibilidade de queda de barreira como consequência dos atalhos. Está prevista também a reconstrução dos três abrigos, hoje totalmente destruídos por falta de manutenção ou vandalismo.

O objetivo principal do PROPAR é recrutar voluntários entre as pessoas já conscientes da necessidade de conservar a natureza, que seriam os "patrulheiros ecológicos", como assinala o chefe do parque. Além dos montanhistas, serão chamados vários grupos de estudiosos, como orquidófilos, espeleólogos e outros. O lançamento oficial do movimento - que já tem estatuto pronto - está marcado para 14 e 15 de março, quando todos fazem uma subida ao ponto mais alto da reserva, a Pedra do Sino (2263 metros), com mochilas vazias. Na descida, vão recolher todo o lixo encontrado e colocar placas educativas pelo caminho.

Para levar adiante todo este projeto, que envolve ainda o implemento de pesquisa científica e educação ambiental, Curt conta com uma verba de US\$ 5 milhões de dólares para os próximos dois anos, do Programa Nacional do Meio Ambiente, proveniente de empréstimo do Banco Mundial.

(*) Extraído do Boletim de março de 92 do CEP, que por sua vez extraiu do Caderno Ecologia do Jornal do Brasil de 17/02/92.